



O OLHAR POLÍTICO PARA O FUTEBOL EM SEU PERÍODO DE PROFISSIONALIZAÇÃO: UM ESTUDO COMPARADO DOS CASOS DO BRASIL (1933-1941) E DA COLÔMBIA (1948-1954)

¹Eduardo de Souza Gomes

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo a investigação dos processos de profissionalização do futebol ocorridos no Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954), assim como seus efeitos políticos e sociais em cada caso. Tendo em vista que esses processos ocorreram em importantes momentos políticos, tanto no Brasil quanto na Colômbia, entender os usos do futebol e do esporte pelos governos do período é um fértil caminho para se compreender os países que aqui são estudados. Assim, buscaremos demonstrar que as relações entre esporte e política nos períodos analisados, foram fundamentais no processo de popularização do futebol nos dois países, de forma que o consolidasse como sinônimo de identidade para brasileiros e colombianos.

Palavras-chave: Futebol; Política; Profissionalização; Brasil; Colômbia

POLITICAL VIEW ON SOCCER IN THE PROFESSIONALIZATION PROCESS PERIOD: A COMPARATIVE STUDY BETWEEN BRAZIL (1933-1941) AND COLOMBIA (1948-1954) CASES

ABSTRACT

This study aims to investigate the soccer professionalization process occurred in Brazil (1933-1941) and Colombia (1948-1954), as well as its political and social effects in each case. Considering that these processes occurred during important political moments, both in Brazil and in Colombia, understanding the uses of soccer and other sports by the governments is a fruitful way to understand the countries studied. So, we aimed to demonstrate that the relationship between sports and politics in the analyzed periods was vital for soccer popularization process in both countries, so professional soccer consolidated as a synonym for identity for Brazilians and Colombians.

Keywords: Soccer; Policy; Professionalism; Brazil; Colombia

¹ Doutorando em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, Brasil.

Pesquisador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer- UFRJ, Brasil.

E-mail: eduardogomes.historia@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo a investigação dos processos de profissionalização do futebol ocorridos no Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954), assim como seus efeitos políticos e sociais em cada caso. Tendo em vista que esses processos ocorreram em importantes momentos políticos tanto no Brasil (período do primeiro governo de Getúlio Vargas, de 1930 a 1945) quanto na Colômbia (se desenvolveu três meses depois do assassinato de Jorge Gaitán, então principal líder liberal colombiano, tendo esse fato agravado um longo processo de violência política no país), entender os usos do futebol e do esporte pelos governos do período é um fértil caminho para se compreender os países que aqui são estudados.

Nos dois casos, o processo de profissionalização do futebol ocasionou uma série de tensões entre as federações envolvidas. No caso brasileiro, as principais tensões se concentraram entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que era a defensora do amadorismo e principal entidade do esporte quando a profissionalização do futebol se iniciou em 1933, e a Federação Brasileira de Football (FBF), entidade formada nesse mesmo ano e que se tornou a representante do futebol profissional brasileiro.

Já no caso colombiano, as disputas se fortaleceram em 1949, quando a então entidade responsável pelo futebol no país, a *Asociación Colombiana de Fútbol (Adefútbol)*, não reconheceu mais a *División Mayor (Dimayor)*, que havia sido criada no ano anterior para organizar o futebol profissional no país, como uma federação oficial.

Demonstraremos neste artigo como se deu esses processos, explicitando a partir de uma análise comparada, as influências e relações existentes entre a política e a profissionalização do futebol, tanto no caso brasileiro quanto no colombiano.

FONTES E METODOLOGIA

Nas linhas que se seguem, demonstramos as principais fontes utilizadas nesta investigação, assim como nossas opções metodológicas. Destacamos, desde já, que este trabalho foi realizado a partir da pesquisa de fontes periódicas do Brasil e da Colômbia que abordaram a temática da profissionalização do futebol nos referidos períodos estudados, tendo a metodologia da História Comparada sido aquela que consideramos mais adequada para identificarmos semelhanças e diferenças que aguçam os olhares de um objeto a partir do outro.

PERIÓDICOS

Para analisarmos historicamente os objetos propostos, se faz necessário um olhar para fontes do período. Nesta investigação, utilizamos como principais fontes, periódicos de grande circulação do Brasil e da Colômbia em seus respectivos contextos de profissionalização do futebol. Jornais como os colombianos *El Tiempo*², *El Colombiano*³, *El Espectador*⁴ e *El Bateo*⁵, assim como os brasileiros *Jornal do Sports*⁶, *Correio da Manhã*⁷,

²*El Tiempo* é um periódico oriundo da cidade de Bogotá e fundado em 1911. É publicado diariamente e possui uma forte tendência ideológica liberal assumida, tendo tido participação decisiva na difusão da imagem de Olaya Herrera, candidato liberal que se tornou presidente em 1930 e quebrou a então Hegemonia Conservadora no poder executivo nacional do país.

³*El Colombiano* é um periódico diário, oriundo da cidade de Medellín e fundado em 1912. Politicamente, defende assumidamente o conservadorismo na Colômbia, tendo explicitado sua linha ideológica ainda na primeira edição do periódico. O periódico é marcado também historicamente por defender o departamento de Antioquia em que está inserido, em detrimento de outras localidades do país, como a capital Bogotá.

⁴*El Espectador* é um periódico de circulação diária, oriundo da capital colombiana Bogotá. Fundado em 1887, divide com *El Tiempo* o posto de principal periódico da capital. É o periódico mais antigo da Colômbia e, desde sua primeira edição, explicitou a preferência política editorial de sua linha como sendo liberal.

⁵*El Bateo* foi um periódico quinzenal que, originário da cidade de Medellín, realizava publicações semanais ou quinzenais entre os anos de 1907 e 1956. Ficou marcado por não possuir uma posição política definida, trazendo posicionamentos tanto liberais quanto conservadores, assim como por realizar suas críticas sempre por via das charges e caricaturas.

⁶*Jornal dos Sports* é um periódico originário da cidade do Rio de Janeiro, fundado em 1931. Possuiu publicações diárias até 2010, quando passou a circular apenas online. Ficou marcado por ser comprado por Mario Rodrigues Filho em 1936 e por ter, durante o recorte temporal desta investigação, defendido o processo de profissionalização do futebol e outros esportes, na cidade carioca e no Brasil como um todo.

⁷*Correio da Manhã* é um periódico do Rio de Janeiro, que circulou entre os anos de 1901 e 1974. Com publicações diárias, ficou marcado por posicionamentos políticos diversos e por realizar

A *Noite*⁸ e *Jornal do Brasil*⁹, foram analisados nesta pesquisa.

Tania de Luca (2008) destaca a importância do uso de periódicos como fontes em investigações históricas, fruto das modificações no campo decorrentes do avanço da “Nova História”, na segunda metade do século XX. Como afirma a autora, ao destacar a utilização dos jornais como fontes de pesquisa para diferentes importantes intelectuais brasileiros na história, os periódicos nos permitem “(...) obter dados de natureza econômica (câmbio, produção e preços) ou demográfica, seja para analisar múltiplos aspectos da vida social e política, sempre com resultados originais e postura muito distante da tão temida ingenuidade” (DE LUCA, 2008, p. 117).

Essa ingenuidade seria, de acordo com De Luca, a falta de um olhar crítico ao analisar os periódicos escolhidos para a pesquisa. Devemos entender, antes de tudo, que as posições encontradas nos jornais são representações, as quais o pesquisador deve problematizar ao analisá-las. A autora afirma ser de fundamental importância que o historiador tenha em vista que

(...) o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas com fontes periódicas. (...) Em síntese, os discursos adquirem significados de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir. (...) Ou seja, à análise da materialidade e do conteúdo é preciso acrescentar aspectos nem sempre imediatos e

críticas e oposição a quase todos os presidentes do Brasil no período de sua existência.

⁸A *Noite* foi um periódico carioca fundado em 1911 pela família Marinho, tendo circulado até 1957. Assim como *O Globo*, fundado em 1925, ambos foram criados por Irineu Marinho e contaram com grande participação de Roberto Marinho em seus desenvolvimentos. Na década de 1930, tendo em vista as elites que se aproximavam da família Marinho (onde podemos destacar as relações existentes com Mario Filho), os dois citados periódicos defenderam o processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro.

⁹*Jornal do Brasil* foi um periódico carioca criado por Rodolfo Dantas em 1891 e que funcionou com publicações diárias até 2010, passando a partir de então a ser exclusivamente digital. No período de profissionalização do futebol na cidade, defendeu o mantimento do amadorismo, fruto da proximidade de seus jornalistas com a elite que então se encontrava no âmbito da CBD.

necessariamente patentes nas páginas dos impressos (DE LUCA, 2008, p. 139-140).

Tendo em vista essas preocupações, no caso colombiano, foram investigados tanto periódicos de grande circulação com ideologia conservadora (como o *El Colombiano*) como de ideologia liberal (como o *El Tiempo* e o *El Espectador*), que ilustravam os ideais e interesses políticos dos dois principais partidos do país, o Partido Conservador e o Partido Liberal¹⁰. Esses periódicos também embarcavam embates regionais, tendo em vista que o *El Colombiano* era originário de Medellín, enquanto os outros são oriundos da capital Bogotá.

Já sobre o Brasil, privilegiamos jornais da cidade Rio de Janeiro, tendo em vista que o foco da análise sobre o país neste artigo é o então Distrito Federal. Analisamos, entre outros, periódicos que possuíam posicionamentos a favor (como o *Jornal dos Sports*) e contra (como o *Jornal do Brasil*) a profissionalização do futebol e de outros esportes no país¹¹.

Assim, buscamos compreender neste trabalho o posicionamento de alguns periódicos acerca da profissionalização do futebol, tendo esses diferentes ideologias e posicionamentos, para assim problematizarmos seus respectivos discursos com outros referenciais teóricos e bibliográficos.

HISTÓRIA COMPARADA

Como opção metodológica, consideramos a abordagem proposta pela História Comparada como um caminho que nos permite ir além das diferenças e semelhanças existentes entre os dois objetos, assim como compreender os efeitos posteriores da profissionalização do futebol nos países envolvidos.

Como nos demonstra José D’Assunção Barros, entendemos a História Comparada como sendo

(...) uma modalidade historiográfica fortemente marcada pela complexidade, já que se refere tanto a um “modo específico de observar a história” como à escolha de

¹⁰ Maiores informações sobre a História da imprensa na Colômbia e as ideologias dos principais periódicos do país, ver URIBE, María Teresa; ALVAREZ GAVIRIA, Jesús María. *Cien años de prensa en Colombia. 1840-1940*. Medellín: Ed. Universidad de Antioquia, 2002.

¹¹ Para maiores informações sobre os posicionamentos do *Jornal dos Sports* e do *Jornal do Brasil* em relação a profissionalização do futebol, no Rio de Janeiro e no Brasil, ver Maurício Drumond (2009b).

um “campo de observação” específico – mais propriamente falando, o já mencionado “duplo campo de observação”, ou mesmo um “múltiplo campo de observação”. Situa-se, portanto, entre aqueles campos históricos que são definidos por uma “abordagem” específica – por um modo próprio de fazer a história, de observar os fatos ou de analisar as fontes. Resumindo em duas indagações que a tornam possível, a História Comparada pergunta simultaneamente: “O que observar?” e “Como observar?” E dá respostas efetivamente originais a estas duas indagações (BARROS, 2014, p. 15).

Mais que a simples comparação histórica tradicional, ainda de acordo com Barros (2014), a História Comparada pode ser entendida num sentido mais extenso, o da “História Relacional”, que trata de “(...) um campo novo de possibilidades que abarca as modalidades já tradicionais da História Comparada, e também novas modalidades como as da ‘história transnacional’, ‘histórias interconectadas’ e ‘histórias cruzadas’, entre outras possibilidades” (BARROS, 2014, p. 165). Assim, comparar se torna uma ferramenta importante para aqueles que desejam realizar generalizações históricas sobre dois ou mais objetos, sem incorrer em superficialidades ou anacronismos.

Nesse aspecto, uma outra característica da história comparada é a possibilidade de ultrapassarmos as barreiras da “nação”, sendo possível comparar objetos que estejam em dois ou mais países. Adotamos essa abordagem neste artigo, onde a partir da comparação da profissionalização do futebol no Brasil e na Colômbia, além de identificar semelhanças e diferenças sobre os dois casos, podemos também aguçar nosso olhar sobre o contexto continental que ambos estão inseridos, que é o da América do Sul.

Como destacam Melo et al., o esporte é uma prática social forte no que se refere a transnacionalidade, sendo assim a abordagem histórica comparada uma fértil alternativa para as investigações relacionadas ao objeto (MELO et al., 2013, p. 94). Destacam os autores, que

Em função da proximidade geográfica e de algumas similaridades históricas, que semelhanças e dessemelhanças há, por exemplo, na configuração do campo esportivo dos países da América do Sul? Teria essa perspectiva de investigação alguma contribuição a dar ao estudo do nosso continente?

Esse tipo de iniciativa parece urgente e fundamental, inclusive porque a estruturação da história do esporte na América Latina é menor do que no continente europeu e nos Estados Unidos. Observe-se que não estamos falando da

qualidade das investigações, no que estamos *pari passu* com a produção mundial, mas sim da conformação do campo de investigação (MELO et al., 2013, p. 42).

Nesse sentido, explorar a questão “transnacional” inerente às pesquisas que se utilizam da comparação histórica se torna uma fértil opção não só de superação das barreiras da “nação”, mas também de consolidação de um campo de pesquisas que investigue dois ou mais países latino-americanos. Essa é uma necessidade urgente não só da História do Esporte, mas da historiografia latino-americana como um todo, dentro do contexto globalizado atual. Como destaca Serge Gruzinski,

Diante de realidades, que convém estudar a partir de múltiplas escalas, o historiador tem de converter-se em uma espécie de electricista encarregado de estabelecer as conexões internacionais e intercontinentais que as historiografias nacionais desligaram ou esconderam, bloqueando as suas respectivas fronteiras. As que dividem Portugal e Espanha são típicas: várias gerações de historiadores escavaram entre os dois países fossos tão profundos, que hoje em dia é preciso muito esforço para entender a história comum a estes dois países e impérios (GRUZINSKI, 2001, p. 176-177).

Como forma de análise comparativa, destacamos a importância do uso da comparação sistemática. Tal forma, demonstrado por Douglas Booth (2005) em estudos que analisaram o uso do método comparativo nas pesquisas históricas sobre o esporte¹², é a mais adequada para assim não reduzirmos a comparação como um simples recurso de alusão a aspectos luminares de casos particulares. Como destacam Melo et al,

Trata-se de investigar as semelhanças e diferenças de objetos/temas no tempo e/ou espaço, tendo claro: a) o problema a investigar e a hipótese a testar; b) o que será comparado; e c) a relação entre o geral e o particular nas interpretações a serem realizadas. Aí, sim, a história comparada pode se constituir em importante contribuição para as investigações que se dediquem a compreender o esporte desde a perspectiva da pesquisa histórica (e isso, lembremos, significa um esforço de entender a sociedade em que o fenômeno se insere) (MELO et al., 2013, p. 100).

¹² Maiores informações, ver Douglas Booth (2005).

Assim, entendemos que a História Comparada se apresenta como uma opção metodológica útil para iluminarmos aspectos sobre os objetos aqui analisados que, se fossem estudados individualmente, provavelmente passariam despercebidos. O uso da comparação como ferramenta nos estimula esse olhar mais aguçado. Como nos demonstram Cardoso e Brignoli (1983, p. 411), a História Comparada permite alcançar, dentro das Ciências Humanas e Sociais, uma alternativa para a impossibilidade de aplicação do método experimental existente em outras áreas do conhecimento científico.

A PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL E NA COLÔMBIA

Tendo apresentado as opções metodológicas utilizadas no decorrer desta pesquisa, buscaremos demonstrar a seguir as causas geradoras dos processos de profissionalização do futebol ocorridos no Brasil e na Colômbia, assim como os efeitos políticos em cada caso. Explicitaremos que, apesar das particularidades existentes, ambos os processos foram fundamentais para consolidar, por diferentes vias, o futebol como um sinônimo de identidade para brasileiros e colombianos.

Iniciando a análise pelo caso brasileiro, destacamos que neste trabalho demonstraremos como o processo de profissionalização se iniciou na então capital Rio de Janeiro e se espalhou para outras localidades do país. A escolha pelo Rio de Janeiro se deu por considerarmos que o processo de profissionalização ocorrido na cidade foi um dos pioneiros no Brasil. Não desconsideramos a importância de outras cidades do período em que a profissionalização ocorreu *a pari passu* com o caso carioca, como São Paulo. Todavia, tendo em vista a importância do Rio de Janeiro nesse contexto, onde era o Distrito Federal e porta de entrada de muitos dos costumes que chegavam ao país, abordaremos o processo ocorrido na cidade, demonstrando como esse se expandiu para outras localidades.

Além disso, temos consciência que em outras regiões, estados e cidades brasileiras, a profissionalização ocorreu de forma mais lenta, tendo se consolidado apenas décadas depois¹³. Esse aspecto, inclusive, se diferencia do caso da Colômbia, onde a liga profissional já surge em 1948 com proporções nacionais, como na sequência demonstraremos. Portanto, não é nosso objetivo neste artigo demonstrar detalhadamente como o futebol se profissionalizou por todas as localidades

¹³ Sobre o processo de profissionalização do futebol em diferentes localidades do Brasil e da América do Sul, como no caso da Colômbia, ver Eduardo de Souza Gomes e Caio Lucas Morais Pinheiro (2015).

do Brasil, mas sim explicitar como esse processo se iniciou em 1933, tendo como foco os ocorridos no Rio de Janeiro e suas relações com a política e a sociedade.

Entendemos que o contexto do futebol nos anos 1920 é importante para o entendimento do processo de profissionalização ocorrido no país. Nessa década, várias tensões já permeavam o campo esportivo nacional a partir do futebol, notadamente no Rio de Janeiro¹⁴. A importância dos jogadores negros na equipe do Vasco da Gama campeã carioca em 1923, é um exemplo das tensões e debates que permearam o campo esportivo do período¹⁵. Como escreve Hugo Moraes,

(...) o provável “segredo” do sucesso do Vasco da Gama em 1923 não foram os jogadores negros marcados por uma “habilidade característica” à raça. Campo de treinamento com concentração, treinos diários com uma intensa preparação física, a contratação de um técnico experiente e as premiações dadas aos jogadores revelam que o Vasco da Gama organizou uma estrutura “profissional” determinante para o bom desempenho da equipe sobre os outros times, que não mantinham a mesma disciplina esportiva (MORAES, 2014, p. 144-145).

Além dessa estrutura “profissional”, que começava a ser desenvolvida por equipes como o Vasco da Gama, foi também nesse período que se popularizou a prática que ficaria conhecida como “amadorismo marrom”, ou seja, onde muitos jogadores, mesmo sendo o futebol um esporte ainda amador oficialmente, recebiam os famosos “bichos”, que eram premiações e pagamentos de acordo com as partidas, as vitórias e títulos conquistados (DRUMOND, 2009a, p. 218). Essas formas de pagamento, explicitam a criação de uma lógica profissional no futebol brasileiro, mesmo que ainda dentro de um cenário amador.

A partir de então, se consolidaram duas versões que são apontadas como causas principais para o futebol ter se profissionalizado no Brasil nesse período. A primeira, é referente ao êxodo de jogadores que passou a ocorrer no país. Mesmo com o dinheiro que conseguiam no já explicitado “amadorismo marrom”, muitos atletas passaram a se transferir para países onde o futebol já era praticado de forma profissional, como Espanha,

¹⁴ Mais informações, ver João Malaia (2010) e Hugo Moraes (2014).

¹⁵ Sobre esse debate, ver HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

Itália e até países latino-americanos, como os vizinhos Argentina e Uruguai¹⁶.

Essa hipótese nos leva a crer que o fato de não possuir um futebol profissional “oficializado”, mesmo já existindo o ganho financeiro por parte de atletas a partir do “amadorismo marrom”, teria facilitado a saída de alguns jogadores para países onde o esporte já havia deixado de ser amador. Poder realizar a prática esportiva com garantias trabalhistas, mesmo que essas variassem de acordo com país de atuação, teria sido um grande atrativo para esses atletas que buscavam uma maior estabilidade trabalhando no futebol. Nessa teoria, esse fato teria estimulado a aceleração da profissionalização no âmbito brasileiro, sendo essa uma forma encontrada pelos clubes para frear o êxodo de atletas nacionais.

Entretanto, sem negar a importância do êxodo de jogadores brasileiros nesse processo, acreditamos ser a segunda hipótese existente sobre as causas da profissionalização do futebol no Brasil, aquela que de fato consolidou este processo no país. Trata-se do “dissídio esportivo”¹⁷, onde as mudanças ocorridas no cenário político, após a chegada de Getúlio Vargas a presidência em 1930 (DRUMOND, 2014, p. 75), teriam refletido na disputa pelo poder do futebol. De pronto, destacamos que o presidente não realizou influências nesse processo em seus primórdios. Todavia, nos foi possível perceber que, após a sua entrada no executivo nacional, ocorreu uma reconfiguração no comando das principais entidades do futebol brasileiro, que resultaram na profissionalização. Como a cidade do Rio de Janeiro era a capital do país no período e sede da CBD, naturalmente os debates sobre a política nacional, assim como sobre o futebol, refletiam primeiramente na sociedade carioca do que em outras localidades do país.

Até então, a entidade máxima do futebol nacional era comandada por um grupo ligado a Arnaldo Guinle, importante dirigente do Fluminense e membro de uma das famílias mais ricas e influentes da sociedade carioca. Antes da década de 1930, esse grupo mantinha o poder político da CBD. Porém, a partir da ascensão varguista, um novo grupo se tornou detentor do poder do futebol na entidade, tendo Guinle e seus aliados ficado em “segundo plano”. Esse novo

grupo possuía também importantes figuras da sociedade e da política carioca, como os dirigentes João Lyra Filho, Rivadavia Corrêa Meyer e Luiz Aranha. Além disso, esse último se tornaria, inclusive, presidente da CBD entre os anos de 1936 e 1943, o que ilustra o poder que passaram a obter na entidade¹⁸.

Nesse momento que, em janeiro de 1933¹⁹, foi fundada a Liga Carioca de Football (LCF), a primeira entidade de futebol profissional do Rio de Janeiro. Tal iniciativa se deu a partir de um movimento liderado por Arnaldo Guinle, Antonio Avellar e Ary Franco²⁰, dirigentes ligados respectivamente aos clubes Fluminense, America e Bangu, que junto do Vasco da Gama, foram as equipes fundadoras da instituição. Dos grandes clubes, apenas o Botafogo e o Flamengo²¹ haviam se oposto aos ideais da profissionalização, permanecendo ambos na liga amadora da Associação Metropolitana de Esportes Athleticos (AMEA). Porém, ainda em 1933, o Flamengo também se filiou a liga profissional que emergia²², assim como o São Cristóvão (NAPOLEÃO, 2006).

Analisando por esses aspectos, podemos entender que a profissionalização do futebol, mais que evitar um êxodo de jogadores brasileiros para o exterior, foi uma alternativa para um determinado grupo de dirigentes esportivos buscarem retornar ao poder no futebol nacional, rivalizando assim com o predomínio exercido até então pela CBD.

O Botafogo foi o único dos grandes que permaneceu na AMEA, já que estava inserido no novo contexto de domínio político do esporte na cidade, principalmente a partir da ligação com as figuras de Rivadávia Meyer (SOUZA, 2008), João Lyra Filho e Luiz Aranha (DRUMOND, 2014, p. 75). Com isso, a partir de 1933 dois campeonatos passavam a ocorrer simultaneamente no Rio de Janeiro, um amador organizado pela AMEA, e que nesse ano foi vencido pelo Botafogo, e outro profissional organizado pela LCF, que teve o Bangu como o primeiro campeão profissional da história. É válido destacar que o campeonato profissional da LCF não era considerado “oficial”, já que a entidade não era filiada a CBD e naturalmente, não era reconhecida pela Conmebol e pela FIFA. Essa situação é muito parecida com a que ocorreria a

¹⁶ Mais detalhes sobre o êxodo de jogadores do futebol brasileiro nos anos 1920 e início dos anos 1930, ver João Malaia (2010) e Maurício Drumond (2009a).

¹⁷ Expressão que representa as disputas entre dirigentes de futebol pelo domínio do poder desse esporte a partir de 1933, tendo gerado uma divisão entre defensores do amadorismo de um lado e do profissionalismo em outro.

¹⁸ Luiz Aranha era ainda irmão de Oswaldo Aranha, ministro do governo Vargas e amigo pessoal do presidente. Como destaca Maurício Drumond (2014), Vargas se referia a Luiz Aranha como “Lulu” Aranha, demonstrando a intimidade existente entre ambos. Mais informações, ver Maurício Drumond (2014).

¹⁹ *A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

²⁰ *A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

²¹ *A Noite*, 24 de janeiro de 1933, p. 8.

²² *A Noite*, 13 de maio de 1933, p. 8.

partir de 1949 com a liga profissional na Colômbia, a *Dimayor*, que será demonstrada na sequência deste trabalho.

Os reflexos da profissionalização do futebol no Rio de Janeiro começaram a se espalhar por outros estados do país. Logo após a fundação da LCF, a Associação Paulista de Esportes Athleticos (APEA), que era a entidade de São Paulo filiada a CBD, se desvinculou da entidade nacional e também adotou ao regime profissional. Depois, a Federação Fluminense de Football, que representava o estado do Rio de Janeiro²³, a Liga Mineira, representante de Minas Gerais, e a Federação Paranaense de Desportos, que representava o Paraná, também passaram a apoiar o regime profissional. Com a união de todas essas federações, foi criada ainda em 1933 a Federação Brasileira de Football (FBF), que passou a ser a principal entidade do futebol profissional no Brasil, rivalizando com a CBD (DRUMOND, 2009a, 219).

Ao olharmos para o caso colombiano, podemos ver que a profissionalização do futebol se deu de forma mais tardia que no Brasil, tendo sido o processo uma alternativa para diminuir o “atraso” do país no esporte, considerando que o profissionalismo já havia alcançado o futebol de outros países, como o próprio Brasil, Argentina e Uruguai. E, diferente do caso brasileiro, o processo de passagem do amadorismo para o profissionalismo no futebol da Colômbia, ocorreu de forma que alcançasse de imediato proporções nacionais (GOMES, 2014a), tendo sido criado desde o seu primeiro ano um Campeonato colombiano de clubes²⁴.

Assim como no Brasil, o “amadorismo marrom” era a forma encontrada para aqueles que buscavam viver do futebol ainda no período amador, de forma que pudessem ganhar dinheiro com essa prática. Entretanto, em seus primórdios na Colômbia, tal ação era taxada como “imoral” e “deselegante” com os ideais propostos pelo amadorismo do esporte (QUITIÁN, 2015b).

O interesse em transformar o futebol em um esporte profissional, foi formulado por dirigentes e empresários, tendo se consolidado em 1948. Além de tirar o possível atraso em que o esporte do país se encontrava frente a outras nações vizinhas, a má administração por parte da *Asociación Colombiana de Fútbol (Adefútbol)*, entidade então responsável pelo futebol, concretizou as motivações necessárias para a

formação de uma entidade profissional no país em 1948.

Nesse ano, um fato mudaria completamente os rumos da história colombiana no século XX: o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán em 9 de abril de 1948²⁵, principal líder do Partido Liberal do país. A morte de Gaitán, modificou muitos aspectos da vida social e política na Colômbia. Esse ocorrido agravou o período de *la Violencia*²⁶ pelo qual o país já passava desde 1946 e que duraria ainda uma década. Como demonstra Hylton,

Em geral, *La Violencia* foi uma grande regressão histórica na qual as hostilidades partidárias impediram não só o legado do populismo de Gaitán, mas também a oportunidade de políticas de classe independentes baseadas no campesinato, nos artesãos, no proletariado e em frações importantes da classe média. Esse fato gerou novas formas de terror. No século XIX, os termos do combate militar foram acordados, mas durante *La Violencia* não foi respeitada nenhuma regra ou limite que protegesse adultos não combatentes e crianças. Apesar de sua geografia coincidir significativamente com as fronteiras cafeeiras estabelecidas em finais do século XIX e início do século XX, como demonstra o caso de Antioquia, *La Violencia* era mais que um aumento generalizado da concorrência bipartidária e do conflito em torno do clientelismo, da divisão de votos, da distribuição de terras e do controle do trabalho e dos recursos (HYLTON, 2010, p. 82-83).

Tendo esses embates políticos como “plano de fundo”, ocorreu em 26 de junho de 1948 a primeira reunião com a intenção de se fundar uma liga profissional na Colômbia. Esse encontro se deu em Barranquilla, que era também a cidade sede da *Adefútbol*, entidade principal do futebol do país até então. Movido por interesses de vários clubes, insatisfeitos com a organização do futebol no país e na busca pela transformação do esporte em um “espetáculo rentável”, nessa assembleia foi fundada a *División Mayor (Dimayor)*²⁷, entidade que passaria a organizar o futebol colombiano no âmbito profissional.

A partir da segunda assembleia²⁸, ocorrida em 17 de julho de 1948 em Bogotá, ficou estabelecido que o primeiro campeonato profissional nacional de futebol ocorreria no país já a partir de agosto desse mesmo ano, assim como

²³ Nesse período, como a cidade do Rio de Janeiro era o Distrito Federal, o estado do Rio de Janeiro possuía o município de Niterói como sua capital e era representado no âmbito esportivo pela Federação Fluminense de Esportes.

²⁴ *El Colombiano*, 19 de julho de 1948, p. 8.

²⁵ *El Tiempo*, 16 de abril de 1948, p. 1 e 9.

²⁶ *El Bateo*, 24 de abril de 1948, p. 1

²⁷ *El Colombiano*, 12 de julho de 1948, p. 8.

²⁸ *El Tiempo*, 19 de julho de 1948, p. 11.

foram criados os estatutos e regulamentos da nova entidade. De início, foi estabelecido uma regra onde atuariam apenas duas equipes por cidades de departamentos que possuíam estádios regulamentados para a competição²⁹. A exceção foi a equipe do Universidad que, apesar de ser de Bogotá, entrou no campeonato por cumprir seus jogos na cidade de Pereira. Entretanto, no decorrer da competição a equipe voltou a realizar suas partidas na capital federal (GOMES, 2014a, p. 65-66).

Com isso, o departamento de Cundinamarca, que possui como capital a cidade de Bogotá, contou com três times nesse primeiro campeonato profissional do futebol colombiano, tendo atuado na competição, além do Universidad, as equipes do Millonarios e do Independiente de Santa Fé, todas sediadas na capital federal. Além dessas, outras sete equipes jogaram essa primeira edição do campeonato organizado pela *Dimayor*: Atlético Municipal (Medellín – Antioquia), Independiente de Medellín (Medellín – Antioquia), Deportivo Cali (Cali – Valle del Cauca), América (Cali – Valle del Cauca), Once Deportivo (Manizales – Caldas), Deportes Caldas (Manizales – Caldas) e Junior (Barranquilla – Atlántico).

A Colômbia ainda possuiu uma particularidade em relação a outras localidades, no que se diz respeito aos efeitos da profissionalização do seu futebol. Após o primeiro ano, em 1948, o campeonato colombiano profissional organizado pela *Dimayor* passou a não ser mais reconhecido oficialmente pela *Adefútbol*, Conmebol e FIFA. Isso ocorreu devido as divergências entre as maiores entidades do futebol colombiano, no período de preparação do país para a disputa do Sul-Americano de seleções em 1949, ocorrido no Brasil³⁰.

Como consequências da ilegalidade, a *Dimayor* investiu na contratação de grandes jogadores estrangeiros para atuarem no futebol rentável colombiano. Nomes como os argentinos³¹ Di Stéfano, Pedernera e Nestor Rossi, do brasileiro Heleno de Freitas e do inglês Charles Mitten, são só alguns dos diversos jogadores que vieram atuar naquele que ficou conhecido como *El Dorado* do futebol colombiano³².

²⁹ *El Tiempo*, 19 de julho de 1948, p. 11.

³⁰ Maiores informações, ver Eduardo de Souza Gomes (2015).

³¹ Devido uma greve dos jogadores de futebol ocorrida em 1948 na Argentina, vários dos atletas que atuavam no país se transferiram para equipes do futebol colombiano e se profissionalizava. Mais informações sobre essa greve, ver Maurício Drumond (2008, p. 72).

³² Apenas como exemplificação, os clubes nesse período adotaram identidades relacionadas aso

Contudo, questiona-se como os clubes colombianos passaram a contratar grandes atletas do futebol sul-americano e mundial, tendo em vista que esses atletas possuíam contratos com suas equipes de origem e que, alguns desses, viviam em países considerados mais “desenvolvidos” que a Colômbia. Como nos demonstra Eduardo de Souza Gomes, a solução encontrada pela *Dimayor* e seus clubes foi

(...) oferecer altos salários aos jogadores, porém sem pagar por seus passes aos clubes de origem. Como não possuíam reconhecimento oficial da FIFA, da Conmebol, da Adefútbol e das demais federações de outros países, os clubes da *Dimayor* não podiam ser cobrados e muito menos punidos por tais federações, fazendo com que a nova liga profissional colombiana de futebol funcionasse de forma autônoma e fosse taxada no período pela imprensa como uma *liga pirata* (GOMES, 2014a, p. 77).

Portanto, a partir dos fatos até aqui explicitados, problematizaremos a seguir as relações que os processos de profissionalização do futebol no Brasil e na Colômbia possuíam com os embates políticos de ambos os países nos referidos períodos.

FUTEBOL, POLÍTICA E PROFISSIONALIZAÇÃO NO BRASIL E NA COLÔMBIA

países de seus atletas, tendo cada equipe contratado jogadores de nacionalidades específicas. O Millonarios, maior campeão do período, apostou na escola argentina, contratando nomes como Pedernera, Nestor Rossi, Di Stéfano, Julio Cozzi, Hugo Reyes, Antonio *Maestrico* Báez, Reinaldo Murín, entre outros; o Deportivo Cali possuiu, em diferentes momentos, predomínio de jogadores peruanos e argentinos; o Junior investiu na contratação de jogadores brasileiros, como Heleno, Tim e Marinho, além de húngaros; o Medellín formou a equipe conhecida como *Danza del Sol*, devido a predominância em seu elenco de jogadores peruanos, entre eles Félix Mina, Roberto Tito Drago, Andrés Bedoya, Segundo Titina Castillo, entre outros; o Independiente Santa Fé, primeiro campeão profissional em 1948 e rival local do Millonarios em Bogotá, apostou na “escola inglesa”, com a contratação de Charles Mitten, George Mounford e Neil Franklin, além de outros jogadores argentinos; o Deportivo Quindío chegou a atuar com uma equipe 100% argentina, enquanto o Deportivo Cúcuta apostou em uruguaios e o Pereira nos paraguaios. Mais informações, ver Eduardo Gomes (2014a, p. 89-90) e David Quitán (2015a, p. 34).

Pensar os períodos de profissionalização do futebol no Brasil e na Colômbia, sem destacar a importância do contexto político em que ambas as localidades estavam inseridas, seria um grande equívoco. Nessa parte do artigo, destacaremos como o futebol em seu processo de profissionalização, se consolidou nesse contexto. Percebemos que, apesar das diferenças nos dois casos, a política foi um fator importante para a construção identitária do futebol em âmbito nacional, tanto no Brasil quanto na Colômbia.

No Brasil, com a entrada de Getúlio Vargas ao poder em 1930, uma série de modificações ocorreram no país. Não só houve um enfraquecimento do domínio político oligárquico, como também avanços em vários setores sociais. Políticas relacionadas a educação, trabalho, cidadania, urbanização e desenvolvimento industrial, entre outros, são só alguns dos exemplos que podemos citar como demonstrações das mudanças ocorridas no período. Como nos demonstra Maurício Drumond,

(...) a figura de Getúlio Dornelles Vargas representava, de certa forma, uma autoimagem do brasileiro, com certa dose de malandragem e jogo de cintura, tanto na forma de se vestir como ao fazer política. Sempre afável ao seu público, Getúlio procurou desde o início de seu governo provisório promover um culto à sua imagem, aparecendo como o grande responsável pela superação dos problemas sociais brasileiros, chegando mesmo a ser chamado por seus adeptos como “o pai dos pobres”. Getúlio recebia cartas pessoais de trabalhadores de todo o país, com pedidos para que resolvesse problemas familiares, outorgasse promoções e empregos, ou para que colocasse seus filhos em escolas públicas, sendo visto quase que como o chefe da família brasileira (DRUMOND, 2014, p. 39).

Além disso, o governo de Getúlio Vargas foi marcado por uma forte ambiguidade, no que diz respeito a seu posicionamento político. Nos quinze anos de seu primeiro mandato, dividido em três partes³³, Vargas manteve posicionamentos que dialogaram tanto com políticas de cunho fascista, como de cunho liberal.

Na Ditadura do Estado Novo (1937-45), esse cenário atingiu seu auge. Durante muito tempo, esse período do governo de Getúlio Vargas foi taxado como mais um dos governos “populistas”, existentes na América Latina. Entretanto, mais do que populista, adotamos o

conceito do “trabalhismo”, difundido nas últimas décadas na historiografia brasileira como sendo aquele que melhor caracteriza as políticas varguistas³⁴.

Nesse mar de ambiguidades que caracterizou o governo trabalhista de Getúlio Vargas, o futebol e os esportes como um todo, não foram ignorados. Mesmo quando não realizava políticas sobre as práticas esportivas, o cenário esportivo se fazia presente na difusão de sua imagem. Esse foi o caso do Estádio do Vasco da Gama, o São Januário, no Rio de Janeiro. Tal estádio foi utilizado diversas vezes como palco das atividades cívicas e nacionalistas implantadas pela política varguista, de forma que, mesmo não tratando diretamente sobre o futebol, se fazia presente a importância de espaços como esses na sociedade carioca e brasileira. Como nos demonstra Maurício Drumond,

No 1º de maio, Getúlio Vargas sempre participava da comemoração pública oficial, que por diversas vezes ocorreu no estádio de São Januário, que ficava lotado de pessoas, que se dirigiam de todos os cantos da cidade, em linhas especiais de ônibus e bondes que transportavam passageiros gratuitamente. A entrada no evento era franca, tudo feito de modo a incentivar a presença popular nas arquibancadas do então maior estádio da capital brasileira. Getúlio adentrava ao gramado do estádio em carro aberto, normalmente acompanhado do Ministério do Trabalho e de alguns membros de seu gabinete. Tocava-se então o Hino Nacional, seguido de vários discursos e de desfiles de atletas militares e operários. O simbolismo do evento era grandioso, sendo este transmitido pelo DIP para todo o país, além de ser traduzido para outros idiomas e retransmitido para o exterior. Nestas cerimônias, Vargas assinava publicamente algum decreto em benefício dos trabalhadores - como o que instituiu o salário mínimo, assinado em 1940 - e se retirava do estádio de forma triunfal, sob aclamação popular (DRUMOND, 2014, p. 145).

De forma mais direta, podemos perceber a intervenção do governo varguista sobre as práticas esportivas a partir de 1937. Nesse ano, se consolidou a criação de uma Divisão de Educação Física no país, dentro do Ministério de Educação e Saúde, de forma que pudesse desenvolver o ensino e a prática da Educação Física nas escolas (PARADA, 2009, p. 160-161). Outro importante

³³ Governos Provisório (1930-34), Constitucional (1934-37) e Estado Novo (1937-45).

³⁴ Maiores informações, ver Ângela de Castro Gomes (1988)

exemplo, foi a fundação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos (ENEFD), que viria a ser criada no âmbito da Universidade do Brasil³⁵ em 1939³⁶. Esses fatos nos demonstram que as práticas de educação física e esporte começavam a ganhar relevância enquanto caminho educacional nesse contexto, mesmo que ainda de forma embrionária e frágil, no que condiz ao desenvolvimento de um campo específico para a área.

No futebol, de forma específica, a presença de Getúlio Vargas no executivo nacional se fez importante desde os primórdios do processo de profissionalização no Brasil. Em alguns momentos essa influência se fez de forma mais direta e em outros mais indiretamente. Como demonstramos, o principal fator desencadeador de todo o processo foi o dissídio esportivo ocorrido no início da década de 1930. Mesmo sem existir uma intervenção direta naquele momento, explicitamos que os dirigentes que passaram a controlar o futebol no âmbito da CBD (como Luiz Aranha, Rivadavia Corrêa Meyer, Joao Lyra Filho, entre outros) eram, em sua maioria, nomes próximos ao governo de Getúlio Vargas.

Isso não quer dizer que aqueles que perderam seu espaço, como Arnaldo Guinle, também não pertencessem a uma parte importante da elite da capital e que não possuíssem prestígio perante o governo nacional. A família Guinle continuava a ser uma das mais importantes da capital federal e de enorme presença na alta sociedade carioca. Acontece que, o novo cenário político a partir de 1930 e a desvinculação com as políticas e as elites dominantes antes desse ano, também alcançou o futebol, sendo o dissídio a efetivação de uma nova elite que comandaria esse esporte no país, assim como ocorreu em vários outros setores da sociedade. Com isso,

O movimento para a criação do profissionalismo iniciou quando Arnaldo Guinle e seu grupo perceberam que poderiam dominar o *campo esportivo* se criassem uma nova liga de futebol. Sabiam que o profissionalismo era uma questão de tempo. Porém, naquele momento, a AMEA era o órgão responsável pelos esportes no Rio de Janeiro e o grupo de Guinle levava uma grande desvantagem no interior da associação. Criar uma nova liga também significava esvaziar o poder de oponentes como Rivadávia Corrêa Meyer, Paulo Azeredo e João Lyra Filho, todos ligados ao Botafogo. Além disso, os dirigentes

tinham plena consciência da importância econômica do futebol para a ampliação de seus negócios. (...) O grupo que conseguisse controlar o futebol teria plenas condições de aumentar ainda mais os seus lucros (SOUZA, 2008, p. 44-45)

Já nos primeiros anos da profissionalização do futebol, podemos perceber a importância que esse esporte possuía para o país. Na Copa de 1934, foi escolhido um nome forte do cenário político para chefiar a delegação brasileira, Lourival Fontes³⁷. O futuro interventor do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) no Estado Novo, além de possuir assumidamente preferências políticas pelo fascismo, tinha também um forte ideário nacionalista em sua ideologia, fato esse que foi explorado por Vargas no esporte desde a disputa desse mundial em 1934, na Itália de Mussolini.

As disputas entre a CBD e a FBF pelo controle do futebol nacional começaram a desenhar um fim a partir de 1935. Nesse ano foi implantado pela CBD o “regime livre”, onde a partir de então seriam aceitos em um mesmo campeonato atletas profissionais e amadores. Com isso, a entidade pôde fazer com que algumas equipes que já eram oficialmente profissionais retornassem para seu campeonato, enfraquecendo assim as ligas da FBF e equilibrando a disputa que estava em desvantagem desde 1933.

Esse cenário escancarou o profissionalismo no futebol carioca e nacional, que viria a ser oficializado definitivamente a partir de um acordo proposto pelos clubes cariocas Vasco da Gama e America, em 1937 (DRUMOND, 2006). A partir de então, o futebol se profissionalizou definitivamente, tendo a FBF ficado responsável pelos campeonatos de clubes pelo país e a CBD como organizadora da seleção nacional. Mesmo assim, os dirigentes CBD não saíram muito satisfeitos após a proposta de pacificação ser efetivada³⁸, tendo em vista que sua centralização no esporte foi diminuída.

Ao analisarmos mais especificamente a relação do Estado com o futebol e sua profissionalização, o ano de 1937 também se torna chave para entendermos o posicionamento do governo. Desde 1935, a partir da adaptação realizada na “Lei Getúlio Vargas”³⁹, a Censura Teatral⁴⁰ influenciava diretamente no controle de contratos de jogadores de futebol, assim como no

³⁵ Atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

³⁶ Decreto-Lei n. 1212, de 17 de abril de 1939.

³⁷ Maiores informações, ver Eduardo de Souza Gomes (2014b).

³⁸ *Jornal dos Sports*, 20 de julho de 1937, p. 1 e 6.

³⁹ Decreto-Lei 5.492, de 16 de julho de 1928.

⁴⁰ Órgão ligado a polícia do período, que realizava intervenções e controlava o futebol, o teatro e outras práticas artísticas e culturais do período.

comportamento desses atletas, sendo tudo isso monitorado pela polícia do período. A partir de 1937, com a regulamentação definitiva da profissionalização desse esporte, esse controle se tornou ainda maior, tendo em vista que foi também nesse ano que se iniciou o Estado Novo varguista.

O auge das intervenções políticas varguistas no futebol, ocorreriam a partir da Copa do Mundo de 1938, na França. Foi a partir dessa competição que o futebol passou definitivamente a se tornar um objetivo de uso nacionalista para o Estado, se transformando em uma importante forma de construir e idealizar a identidade brasileira. Denaldo de Souza demonstra que

Os governantes prestavam apoio à delegação brasileira. O presidente Getúlio Vargas concedeu duzentos contos. Já o interventor federal no Rio Grande do Sul ofereceu mais dez contos. Alzira Vargas, por sua vez, foi escolhida para ser a madrinha da seleção. Ela aceitou prontamente. Antes da viagem para a França, Getúlio fez questão de receber os atletas. Recomendou que voltassem como campeões mundiais, pois o título seria de suma importância para o futuro do país. O presidente chegou a dar uma declaração prometendo “casa própria para os craques, o prêmio oferecido pelo chefe da nação se o Brasil levantar o campeonato mundial. (SOUZA, 2008, p. 63).

Assim como outras práticas culturais, dentre elas o samba e a capoeira, o futebol em 1938 se enquadrou num conjunto de bens culturais que estavam atrelados ao discurso do Brasil enquanto país da “democracia racial”. Esse discurso, que buscava construir a identidade brasileira como sendo a nação do encontro das “três raças (brancos europeus, negros africanos e indígenas americanos), seria muito difundido nas décadas posteriores a partir de trabalhos realizados por importantes acadêmicos do país, como o sociólogo Gilberto Freyre⁴¹.

Todavia, já na década de 1930, esse debate aparecia com força também no âmbito do futebol, inclusive por escritos do próprio Gilberto Freyre⁴², e do jornalista Mario Rodrigues Filho⁴³, com quem

o sociólogo mantinha certa proximidade⁴⁴. Com a obra desses, e outros autores, se começou a construir a ideia de que o futebol brasileiro possuía uma “malevolência” e era diferente em relação ao “frio” futebol europeu, exatamente por marcar o encontro das diferentes “raças” que no país habitavam. Como escreve Freyre, em relação a boa participação brasileira na Copa de 1938,

(...) uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivemos completa, de mandar a Europa um *team* fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. (...) O novo estilo de jogar foot-ball me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. (...) Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto. (...) O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas. (...) O estilo mulato, afro-brasileiro, de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca⁴⁵.

Com isso, parte desse discurso foi adotado pela política do período e a Copa do Mundo de 1938 foi o auge dessa utilização estatal do futebol até então. Nunca antes uma competição esportiva mundial havia alcançado tanto destaque no país. Mais do que um simples discurso, a Copa de 1938 marcou simbolicamente o fim das disputas entre as federações, que fizeram com que o Brasil fosse com equipes inferiores nos dois mundiais ocorridos

⁴¹ Ver FREYRE, Gilberto [1933]. *Casa-grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.

⁴² Ver FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de junho de 1938.

⁴³ Ver RODRIGUES FILHO, Mario [1947]. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

⁴⁴ Mario Rodrigues Filho reproduzia, em suas análises sobre o futebol carioca e brasileiro, muitas das teorias propostas por Gilberto Freyre, acerca da tese da democracia racial presente no país. Freyre, inclusive, escreveu o prefácio da primeira edição do livro clássico de Rodrigues Filho lançado em 1947, *O negro no futebol brasileiro*, tendo essa obra sido fruto das reflexões que o jornalista produziu a partir da década de 1930, principalmente em sua atuação no *Jornal dos Sports*, periódico que se tornou proprietário a partir de 1936.

⁴⁵ FREYRE, Gilberto. “Foot-ball mulato”. *Diário de Pernambuco*, Recife, 17 de junho de 1938.

anteriormente⁴⁶. Além disso, a equipe alcançou seu melhor resultado até então em Copas do Mundo, ficando na terceira colocação e mostrando ao mundo o talento de jogadores negros, como Leônidas da Silva e Domingos da Guia, fundamentais na construção identitária do país enquanto uma “nação miscigenada”.

Dessa forma, entender o futebol como um caminho para pensar a nação se tornava uma das chaves do país nesse momento, tendo o governo varguista não ignorado esse processo. Os discursos acerca da nacionalidade brasileira, fundamentais na construção de uma identidade nacional, se consolidavam no país a partir do futebol. Nesse sentido, a atuação de intelectuais, como Freyre, contribuíram significativamente para esse processo.

Foi nessa conjuntura que, em 1941, o governo criou o Conselho Nacional de Desportos, o CND. Esse conselho buscou organizar as práticas esportivas em todo o país, construindo assim uma nova configuração. Nessa, ficou estabelecido que a CBD voltaria a ter o comando absoluto do futebol brasileiro, ficando responsável pela organização da seleção nacional, pelos campeonatos de clubes e de seleções estaduais. Assim, a FBF foi extinta, abrindo espaço para consolidar a elite ligada a CBD no poder do futebol nacional (DRUMOND, 2006, p. 125-126). Essa foi a principal intervenção estatal varguista no futebol, tendo consolidado um fim no processo de tensões que foram gerados a partir da profissionalização iniciada em 1933.

No caso colombiano, o cenário político no momento de eclosão e desenvolvimento da profissionalização do futebol, era tão conturbado ou mais que no Brasil. Como já explicitamos até o presente momento, 1948 foi um ano chave para o entendimento político da história do país. Com o assassinato de Jorge Eliécer Gaitán em 9 de abril de 1948, uma série de disputas se desenrolaram no país durante mais de uma década. Essas disputas teriam como consequências a eleição de um candidato conservador de posicionamento fascista à presidência em 1950, Laureano Gómez; a

⁴⁶ Em 1930 o Brasil não conseguiu levar seus melhores jogadores para o mundial devido uma disputa entre as principais federações estaduais de futebol do período, que eram as do Rio de Janeiro e de São Paulo. Não tendo nenhum membro na delegação, a federação paulista não liberou seus atletas para disputar a competição. Enquanto isso, em 1934 a divisão ocorreu devido as disputas entre as federações defensoras do profissionalismo e do amadorismo, onde a CBD (entidade que defendia o amadorismo) chegou a ter que contratar atletas profissionais, devido esses não terem sido liberados pela FBF (entidade profissional). Mais informações sobre o caso de 1934, ver GOMES, Eduardo de Souza (2014b)

promulgação do governo ditatorial de Gustavo Rojas Pinilla em 1953 e; principalmente, o agravamento do período de *La Violencia*, que duraria até o final da década de 1950⁴⁷.

Apesar de existir iniciativas anteriores⁴⁸, é na década de 1930 que podemos perceber com mais força a intervenção estatal no esporte. Nesse período, a Colômbia vivia o período da República Liberal⁴⁹, que duraria até 1946 e marcaria uma necessidade política de construção de novos valores no país, de forma a se desvincular da antiga cultura hispânica e conservadora dominante. De acordo com Bushnell, o período que mais adotou esse discurso de modernização foi o dos governos de Lopez Pumarejo (1934-38 e 1942-46), onde se estabeleceu os ideais da *Revolución en Marcha*, que buscava aproximar o governo das classes trabalhadores, com reformas sociais, da mesma maneira que modernizava o país para se desvincular do então passado conservador (BUSHNELL, 2012, p. 269). Essas características, se aproximam inclusive do governo Vargas, ocorrido ao mesmo tempo no Brasil.

Nesse cenário de novas construções culturais, o esporte apareceu como um importante objeto de idealizações nacionalistas. Os Jogos Bolivarianos de 1938 foram o auge dessas políticas. Na intenção de se comemorar os quatrocentos anos da capital Bogotá, o então presidente, López Pumarejo, idealizou uma disputa esportiva e convidou outros países do contexto latino-americano que haviam tido em suas lutas de independência a figura de Simón Bolívar como líder maior. Como escreve Ramírez,

Por proposta do dirigente esportivo Alberto Nariño Cheyne, a Colômbia levou ao Comitê Olímpico Internacional (COI), reunido em ocasião dos Jogos Olímpicos de Berlim (1936), a ideia de realizar uns jogos setoriais denominados Bolivarianos, como uma fórmula para o fogo dos esportistas dos países da área, bastante atrasados em matéria esportiva (RAMÍREZ, 2008, p. 31-32).

Esse fato, além de demonstrar uma tentativa de construção identitária comum a outros países do continente, caracteriza também uma forma de idealização política nacionalista a partir do esporte. Uma prova são as construções nesse mesmo ano dos estádios Nemesio Camacho (*El Campín*) e Alfonso López Pumarejo (Estádio

⁴⁷ Maiores informações sobre o referido período, ver BUSHNELL (2012, p. 287-315)

⁴⁸ Ver Ruiz Patiño (2009).

⁴⁹ Período marcado por governos liberais no executivo nacional, entre 1930 a 1946.

Olímpico da *Universidad Nacional de Colombia*), ambos em Bogotá, sendo esses muito utilizados para festas cívicas e políticas no país, assim como no caso de São Januário no Brasil.

Em 1946, o retorno conservador à presidência colombiana não encerrou necessariamente o interesse estatal pelas práticas esportivas. Pelo contrário, tendo em vista que o esporte passava a ser um dos principais veículos culturais da “modernidade tardia” colombiana, investir em seu âmbito passava a ser quase que uma obrigação.

No caso do futebol, mais especificamente, seguir o caminho da profissionalização passava a ser entendido como uma necessidade a partir de então, tendo em vista que a maioria dos outros países sul-americanos que praticavam o esporte, já haviam iniciado suas respectivas profissionalizações. Assim, se concretizaria na Colômbia a possibilidade de construção de um futebol profissional e que pudesse proporcionar espetáculos maiores ao público que o consumia.

Essa lógica do consumo incluída ao futebol colombiano, se desenhou com mais força exatamente em 1948, ano que Jorge Gaitán foi assassinado e que se agravou o processo de violência política entre os dois maiores partidos do país, que já se fortalecia desde o retorno conservador ao poder em 1946 (HYLTON, 2010, p. 71-72).

Algumas pesquisas tendem a considerar que os acontecimentos de *El Bogotazo* ou *el 9 de abril*⁵⁰, foram determinantes para que meses depois se concretizasse a formação de uma liga de futebol profissional na Colômbia (QUITIÁN, 2013; RACINES, 2011; RAMÍREZ, 2008). A hipótese principal dessas investigações é a de que o governo colombiano, dentro de um cenário de divisão política, teria investido em maneiras de forjar uma “unidade nacional” no país, sendo o futebol profissional uma delas.

Compartilhamos nesta pesquisa essa mesma hipótese citada nos trabalhos anteriores. Porém, diferente desses, não entendemos que o interesse do governo pelo desenvolvimento do futebol profissional foi algo pensado *a priori*, mas sim um processo que se desenvolveu posteriormente a formação da *Dimayor* e de sua liga em 1948. Enxergando as possibilidades que poderiam ser criadas pelo campeonato profissional que se desenvolvia, o então governo de Mariano Ospina Pérez teria concretizado seu apoio ao desenvolvimento da nova liga esportiva no país (RACINES, 2011, p. 119).

⁵⁰ Termos referentes ao conjunto de conflitos sociais gerados na capital colombiana Bogotá, após o assassinato do político liberal Jorge Eliécer Gaitán, em 9 de abril de 1948.

Podemos perceber, com esse fato, algumas diferenças se compararmos ao caso brasileiro. O incentivo por parte do governo colombiano no desenvolvimento da liga profissional de futebol no país, contrariou a principal entidade defensora do amadorismo no período, que era a *Adefútbol*. Enquanto isso, no Brasil, os dirigentes mais próximos do governo se mantiveram ligados à CBD, que era a defensora do amadorismo inicialmente. Não houve assim, portanto, uma relação do governo com a então entidade defensora do amadorismo na Colômbia, como ocorreu no Brasil com o caso da CBD, mas sim uma valorização da nova liga profissional que se desenvolvia, formada pela *Dimayor*.

Ao analisarmos os jornais do período, percebemos que, tanto aqueles liberais quanto os conservadores, demonstravam que o governo de Mariano Ospina Pérez buscava formas de se constituir uma unidade nacional. Os periódicos liberais (como *El Tiempo* e *El Espectador*), no entanto, criticavam as formas adotadas pelo governo para se alcançar a paz no país, sendo para esses veículos o próprio mandato conservador o causador de todos os problemas sociais e de violência na Colômbia.⁵¹

No futebol, esse fator ficou cada vez mais perceptível com o incentivo para a formação do *El Dorado* no futebol colombiano. Enquanto outras nações questionavam e criticavam a liga da *Dimayor* por contratar jogadores sem pagar por seus passes e por realizar ações fora dos padrões estabelecidos pela FIFA, o governo do país ignorou os regulamentos então estabelecidos como “oficiais” no mundo do futebol e se aliou aos clubes profissionais.

Prova disso foi o apoio para a contratação do argentino Pedernera que, apesar de não ter sido exatamente o primeiro jogador profissional estrangeiro a atuar na liga profissional colombiana⁵², foi a primeira grande “estrela” a vir para o país, tendo servido de incentivo e garoto propaganda para outros jogadores.

Para sua chegada, houve um misto de atuação do clube interessado, que era o *Millonarios* de Bogotá, empresários e do governo. Como escreve Racines,

Um detalhe que ilustraria claramente esta relação entre governo e dirigentes de futebol nós observamos quando examinamos o portfólio que levava Carlos Aldabe em sua viagem a Buenos Aires para convencer o “Mestre” Pedernera a jogar no futebol colombiano. Em primeiro, havia uma carta de Mauro

⁵¹ *El Tiempo*, 20 de março de 1948, p. 1 e 19.

⁵² *El Tiempo*, 11 de julho de 1949.

O Olhar Político Para O Futebol Em Seu Período De Profissionalização: Um Estudo Comparado Dos Casos Do Brasil (1933-1941) E Da Colômbia (1948-1954)

Mórtola para empresários do Sul com base no que este havia feito com outros criadores de espetáculo. Em segundo lugar, uma carta de crédito bancário, subscrita por Senior. E, por último, uma cópia de uma nota enviada pela chancelaria colombiana a Briceño Pardo lhe autorizando para contratar grandes figuras do futebol (RACINES, 2011, p. 119)

Com o desenvolvimento do esporte espetáculo até 1950, o futebol passou a ser cada vez mais incentivado pelo governo de Mariano Ospina Pérez. Nesse ano, assumia a presidência na Colômbia o também conservador, e de ideologia próxima ao fascismo, Laureano Gómez. Apesar de seu governo (1950-53), que terminou sofrendo um golpe militar devido sua forte centralização que gerou uma divisão no âmbito do partido em que estava inserido (HYLTON, 2010, p. 80), destaca-se no recorte deste trabalho, seus efeitos no futebol, que foram menos sentidos devido a efetivação do Pacto de Lima. Decretado em outubro de 1951 em uma reunião da Conmebol no Peru, esse pacto

(...) consistiu em um acordo que determinava a legalização da *Dimayor* e do campeonato profissional de futebol da Colômbia a partir da data em que foi acordado. A partir de então, os jogadores estrangeiros que atuavam, de acordo com a FIFA, de forma irregular no futebol colombiano, teriam um prazo de até três anos (até outubro de 1954) para retornarem às suas equipes de origem,

com as quais possuíam contrato de trabalho em vigor.

Portanto, esses são os fatos que nos permitem identificar as relações existentes entre a política e o futebol em seu período de profissionalização, no Brasil e na Colômbia. Mesmo com diferenças, em ambos os processos podemos perceber um uso político do futebol, como quando o governo brasileiro passa a centralizar a prática a partir do CND, assim como quando o governo colombiano se demonstra favorável ao avanço da liga profissional organizada pela *Dimayor*.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ao analisarmos os dois objetos, percebemos que a busca por uma unidade nacional a partir do futebol na Colômbia partiu do incentivo governamental na contratação de craques estrangeiros, diferente do Brasil, que promoveu uma valorização do discurso da “mistura de raças”, do “tipicamente brasileiro” para assim se propor uma identidade nacional pelo futebol. Na Colômbia, essa identidade não foi construída necessariamente com “craques” colombianos, muito menos miscigenados, mas sim com os grandes nomes estrangeiros que construíram o espetáculo esportivo em solo nacional. No quadro abaixo, se faz possível analisarmos as principais diferenças e semelhanças sobre os dois objetos, identificadas com a pesquisa:

PROFISSIONALIZAÇÃO DO FUTEBOL NO BRASIL E NA COLÔMBIA

BRASIL	COLÔMBIA
Início em 1933	Início em 1948
Disputas entre a CBD (defensora do amadorismo) e a FBF (defensora do profissionalismo), tendo essa última sido considerada uma entidade ilegal em seus primórdios.	Disputas entre a <i>Adefútbol</i> (defensora do amadorismo) e a <i>Dimayor</i> (defensora do profissionalismo), tendo essa última sido considerada uma entidade ilegal em seus primórdios.
Disputas na formação do selecionado nacional brasileiro para a Copa do Mundo de 1934 como sendo um momento de afloração das tensões entre a CBD e a FBF.	Disputas na formação do selecionado nacional colombiano para a Sul-Americano de seleções de 1949 como sendo um momento de afloração das tensões entre a <i>Dimayor</i> e a <i>Adefútbol</i> .
CBD, principal entidade amadora no contexto de profissionalização do futebol, possui o apoio de membros ligados ao governo brasileiro.	<i>Adefútbol</i> , principal entidade amadora no contexto de profissionalização do futebol, não possui apoio do governo colombiano, que incentivou o desenvolvimento da liga profissional da <i>Dimayor</i> .
Futebol se profissionaliza inicialmente em 1933, tendo como foco principal as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Todavia, esse processo alcançou peculiaridades bem distintas em diferentes regiões do país, o que caracteriza a dificuldade em se falar de	Futebol se profissionaliza em 1948 e, desde seus primórdios, já alcança proporções nacionais, criando de imediato um campeonato nacional que embarcava clubes de diferentes regiões do país.

O Olhar Político Para O Futebol Em Seu Período De Profissionalização: Um Estudo Comparado Dos Casos Do Brasil (1933-1941) E Da Colômbia (1948-1954)

uma profissionalização nacional do futebol brasileiro desde seus primórdios.	
No Brasil, identidade construída pelo futebol ocorre a partir da difusão de discursos relacionados a ideia da democracia racial no país, demonstrando os possíveis benefícios de se ter jogadores negros.	Na Colômbia, identidade construída pelo futebol se dá pelo olhar do “outro”, ou seja, os jogadores estrangeiros que atuaram no país no período em que a profissionalização se efetivou no futebol.

De forma geral, podemos concluir percebendo que os interesses políticos em torno de cada objeto, se formularam de formas distintas. Enquanto no Brasil, o esporte foi aos poucos sendo entendido pelo governo como uma via possível de se construir políticas, apesar de desde o início do dissídio já haver pessoas próximas a Vargas nessas disputas, na Colômbia os dois lados envolvidos (liberais e conservadores), estando ou não no poder, perceberam a importância do futebol para seus interesses. Nesse sentido, os liberais enquadravam o esporte num cenário de práticas modernas a serem desenvolvidas, enquanto os conservadores no poder, buscavam no futebol a maneira de se promover uma unidade dentro de um país até então dividido politicamente.

Nos dois casos, compreendemos que a profissionalização do futebol e as questões políticas envolvidas em cada processo, favoreceram para a popularização desse esporte, que já se desenhava de diferentes formas anteriormente. Nesse sentido, a partir de discursos adotados, como o da “democracia racial” brasileira e o da presença do “outro” na Colômbia, ao tratarmos dos estrangeiros que nesse país atuaram, podemos perceber que o futebol, a partir da profissionalização e por diferentes vias, se consolidou como um sinônimo de identidade para brasileiros e colombianos.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D’Assunção. *História Comparada*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOOTH, Douglas. Comparasion: expanding the evidence. In: _____. *The field: truth and fiction in sport history*. New York: Routledge, 2005, p. 127-242.

BUSHNELL, David. *Colombia: una nación a pesar de si misma – nuestra historia desde los tempos pré-colombianos hasta hoy*. Bogotá: Planeta, 2012.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez; O método comparativo na História. In: _____. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 409-419.

DRUMOND, Maurício. *Estado Novo e esporte:*

a política e o esporte em Getúlio Vargas e Oliveira Salazar (1930-1945). Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

_____. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor (orgs.). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais*. São Paulo: Ed. UNESP, 2009a, p. 213-244.

_____. A política no jornalismo esportivo: o Jornal do Brasil e o Jornal dos Sports no dissídio esportivo dos anos 30. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2010, Curitiba, *Anais...* Curitiba: Intercom/Universidade Positivo, 2009b, p. 1-14.

_____. *Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.

_____. Os gramados do Catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 107-132.

GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do trabalhismo*. Rio de Janeiro: Vértice, 1988.

GOMES, Eduardo de Souza. Futebol às avessas: a profissionalização do futebol colombiano e a participação da seleção nacional no Campeonato Sul-Americano de 1949. *Recorde: Revista de História do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 1-23, 2015.

_____. *El Dorado: os efeitos do profissionalismo no futebol colombiano (1948-1951)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014a.

_____. O Brasil na Copa do Mundo de futebol de 1934: tensões entre amadorismo e profissionalismo e os efeitos do fracasso do *scratch* nacional. *Revista Contemporânea*, Niterói, v. 2, n. 4, p. 1-29, 2014b.

GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015.

O Olhar Político Para O Futebol Em Seu Período De Profissionalização: Um Estudo Comparado Dos Casos Do Brasil (1933-1941) E Da Colômbia (1948-1954)

GRUZINSKI, Serge. Os mundos misturados da monarquia católica e outras “connected histories”. *Topoi*, Rio de Janeiro, p. 175-195, 2001.

HYLTON, Forrest. *A Revolução colombiana*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.

LUCA, Tânia Regina de. Fontes impressas: História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 111-154.

MALAIA, João. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. 2010. 501 f. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

MELO, Victor Andrade de et al. *Pesquisa histórica e história do esporte*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

MORAES, Hugo da Silva. *Jogadas Insólitas: amadorismo e processo de profissionalização do futebol carioca (1922-1924)*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.

NAPOLEÃO, Antônio Carlos. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (orgs.). *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006, p. 81-105.

PARADA, Maurício. *Educando corpos e criando a nação: cerimônias cívicas e práticas disciplinares no Estado Novo*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.

QUITIÁN ROLDÁN, David Leonardo. Deporte y modernidad en Colombia: una historia en clave de violencia. In: MELO, Victor Andrade (org.). *O esporte no cenário ibero-americano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015a, p. 27-37.

_____. Del invento inglés al criollismo patrio: el desarrollo del fútbol en Colombia. In: GOMES, Eduardo de Souza; PINHEIRO, Caio Lucas Moraes (orgs.). *Olhares para a profissionalização do futebol: análises plurais*. Rio de Janeiro: Multifoco, 2015b, p. 295-316.

_____. Deporte y modernidad: caso Colombia.

Revista Colombiana de Sociología, Bogotá, v. 36, n. 1, p. 19-42, 2013.

RACINES, Rafael Jaramillo. El fútbol de El Dorado: “El punto de inflexión que marcó la rápida evolución del ‘amaterismo’ al ‘profesionalismo’”. *Revista da ALESDE*, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 111-128, 2011.

RAMÍREZ, Alberto Galvis. *100 años de fútbol en Colombia*. Bogotá: Planeta, 2008.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RUIZ PATIÑO, Jorge Humberto. *La política del sport: elites y deporte en la construcción de la nación colombiana, 1903-1925*. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Políticos) – Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, 2009.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo: construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947)*. São Paulo: Annablume, 2008